



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/ PARFOR
FACULDADE DE PEDAGOGIA

TENILDE GUSMÃO DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DE UMA ESCOLA
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE INHANGAPI - PA**

CASTANHAL-PARÁ
2018

TENILDE GUSMÃO DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DE UMA ESCOLA
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE INHANGAPI - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia da Universidade Federal
do Pará.
Orientador Profº Dr. Carlos Renilton
Freitas Cruz.

CASTANHAL-PARÁ
2018

TENILDE GUSMÃO DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DE UMA ESCOLA
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE INHANGAPI - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito obrigatório para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal
do Pará.

Data de aprovação: ___/___/_____

Banca Examinadora

Profº Dr. Carlos Renilton Freitas Cruz Orientador

(1º Examinador)

(2º Examinador)

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por ter me dado forças para fazer essa caminhada tão árdua de lutas e conquistas, que resultaram neste momento valioso para a minha vida e à minha virgem Santa Rita de Cássia, que intercedia a Deus por mim nos momentos que pensei em desistir.

Aos meus Pais João Oliveira (*In memoriam*) e Paula Gusmão (*In memoriam*), que foram meus exemplos de vida, garra e determinação, me proporcionaram a melhor educação. Sinto suas presenças diariamente e sei que de algum lugar estão muito felizes, me protegendo sempre.

Aos meus cinco filhos Matheus, Tamilyes, Sabrina, Thalyson e Victória, que são a razão do meu viver e acreditaram na minha capacidade, em especial a Sabrina que me auxiliou diariamente nos trabalhos acadêmicos.

Às minhas irmãs Terezinha, Tenaide e Tenancy, pelo incentivo durante toda vida.

Aos meus sobrinhos (as) e a minha família em geral, que sempre me deram forças para continuar nessa longa jornada. Em especial as minhas sobrinhas, as irmãs Thâmera e Paula Rocha.

À minha turma que esteve unida durante esses anos de graduação, me proporcionando grandes alegrias e momentos de importante aprendizado.

A todos os professores que contribuíram na minha formação acadêmica e a minha Universidade pela oportunidade através do PARFOR.

Tenilde Oliveira

EPÍGRAFE

“De nada adianta plantar árvores se ao mesmo passo não for plantada a conscientização ambiental, o respeito pelo próximo e pelas futuras gerações. A pergunta não é que planeta vamos deixar para nossos filhos e sim que filhos vamos deixar para nosso planeta.”

André de Paula Viana

RESUMO

Neste estudo busca-se demonstrar o conceito básico de meio ambiente e a importância dele na educação básica. Inicialmente foi relatado um memorial de vida e logo após reflexões de experiências vividas, falando sobre meio ambiente no âmbito escolar. Pois, a educação ambiental é um processo pelo qual o educando começa a adquirir informações sobre as questões ambientais e assim passa a ter uma nova visão do que vem a ser o meio ambiente. Tem como objetivo sensibilizar a escola sobre a importância da Educação Ambiental no Processo de Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais de uma escola pública no Município de Inhangapi-PA. No plano metodológico utilizou-se a tendência dialética, com abordagem qualitativa, de caráter exploratório. O público alvo foram os 13 trabalhadores em educação que atuam na referida Escola, os quais participaram de reuniões bimestrais com a comunidade, aqui intituladas rodas de conversa, as quais produziram insumos que são analisados ao longo do texto. Alguns destes dados foram acrescentados e este trabalho como relatos e estão caracterizados em falas, que vão de E1 a E13 e em breve análise mostram que as pessoas têm noção de que as coisas não caminham bem, mas também se veem sem meios de intervir na realidade. O estudo permitiu um novo conhecimento do que vem a ser o meio ambiente e do que o mesmo tem para oferecer a sociedade e a todos que nele habitam e, a partir disto, será possível pensar e trabalhar em novas estratégias para o avanço no processo de ensino aprendizagem, que incentivem a preservação ambiental através da educação.

Palavras- chave: Educação ambiental; Meio ambiente; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This study aims to demonstrate the basic concept of the environment and its importance in basic education. Initially a memorial of life was reported and soon after reflections of lived experiences, talking about environment in the school scope. For environmental education is a process by which the learner begins to acquire information about environmental issues and thus has a new vision of what the environment is. It aims to sensitize the school about the importance of Environmental Education in the Teaching Learning Process in the Early Years of a public school in the Municipality of Inhangapi-PA. At the methodological level, the dialectical tendency was used, with a qualitative approach, with an exploratory character. The target audience was the 13 education workers who work in the said School, who participated in bimonthly meetings with the community, here called talk wheels, which produced inputs that are analyzed throughout the text. Some of these data have been added and this work as reports and are characterized in speeches, ranging from E1 to E13 and soon analysis show that people are aware that things do not go well, but also find themselves unable to intervene in reality . The study allowed a new knowledge of what the environment is and what it has to offer society and all who live in it and, from this, it will be possible to think and work on new strategies to advance the process of learning, which encourage environmental preservation through education.

Keywords: Environmental education; Environment; Teaching-learning.

SUMÁRIO



.....	1
1. INTRODUÇÃO	9
1.1. UMA BIOGRAFIA FEITA DE VIVÊNCIAS: AS TRAJETÓRIAS PERCORRIDAS JUSTIFICANDO O PROBLEMA ENCONTRADO	9
2. BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL	15
2.1. SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL	15
2.2. MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TERMOS GLOBAIS	18
2.3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS SÉRIES INICIAIS E ALGUNS DESAFIOS	20
3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	25
3.1. MÉTODO E ABORDAGEM DA PESQUISA	25
3.2. LÓCUS DA PESQUISA	26
3.2.1. ASPECTOS PEDAGÓGICOS DA ESCOLA	27
3.3. OS SUJEITOS DA PESQUISA	28
4. RODAS DE CONVERSA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	29
5. CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

1.1. UMA BIOGRAFIA FEITA DE VIVÊNCIAS: AS TRAJETÓRIAS PERCORRIDAS JUSTIFICANDO O PROBLEMA ENCONTRADO

Relembrar minha história de vida e a relação familiar na qual estou inserida reforça meus valores e a certeza de que muito aprendi com meus pais.

A primeira vivência do ser humano acontece em família, independentemente de sua vontade ou da constituição desta. É a família que lhe dá nome e sobrenome, que determina sua estratificação social, que lhe concede o biótipo específico de sua raça, e que o faz sentir, ou não, membro aceito pela mesma. Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança (SOUSA, 2012, p.5).

Nasci no inverno de 1967 na zona rural no município de Inhangapi, localizado no Nordeste paraense. Passei a vida inteira cercada por rios, igarapés e uma vasta vegetação que se perdia de vista. Lembro-me das brincadeiras quando criança na chuva, em época de inverno, das corridas a cavalo nas estradas de chão, sempre rodeadas de matas que nos permitiam respirar um ar puro. No final da tarde me encontrava com os filhos dos vizinhos para brincar e depois tomar banho no igarapé que tinha no final do terreiro da minha casa. Igarapé esse, que ao longo dos anos, vem se acabando por falta de cuidados; os rios onde andávamos de canoa estão secando por conta dos desmatamentos que acontecem nas suas cabeceiras.

Tenho prazer em falar de minha vida simples e humilde. Há muito tempo morei em uma comunidade pequena, onde as casas eram distantes uma das outras e os moradores, na sua maioria, eram agricultores. Seus terrenos eram extensos com muitas plantações, onde eu gostava de subir para colher seus frutos. Minha mãe tinha muitas criações no quintal, eu gostava de ficar, admirando as galinhas rodeadas de seus pintinhos.

Relembrar minhas vivências em família de certa forma foi muito importante para que eu perceba que tudo que sou hoje é fruto dessa vivência familiar. Todos os saberes que adquiri de meus pais e hoje fazem parte da minha vida, me fizeram definir o que eu sou e serei no futuro.

Lembro-me quando meu pai fazia grandes derrubadas e em seguida ateava fogo para o preparo da terra, onde fazia seus roçados e de onde tirava o sustento da família, isso me deixava de coração partido ao ver os animais desesperados correndo e tentando fugir do fogo.

Entendo atualmente que, o que fazia era por não ter conhecimento do mau que estava causando a natureza, fazia por inocência e por ser a única maneira de preparar a terra para o cultivo da mesma, hoje já existem outros meios de fazer esse preparo.

Todos os agricultores da época viviam do cultivo do arroz, feijão, milho, mas especificamente da mandioca, de onde faziam a farinha que servia não só para o consumo, mas também para a venda.

Todos os dias, acordávamos cedo para ir aos roçados com meu pai, onde o mesmo fazia barracas de palha, nas quais nos escondíamos da chuva, do sol forte e guardávamos a comida que levávamos, adorava brincar encima dos paus queimados que ficavam espalhados no meio da roça. Eu enquanto criança não sabia que as queimadas que os agricultores faziam para preparar a terra e fazer suas plantações, no futuro iria prejudicar o meio ambiente. Com o passar do tempo fui percebendo que as matas estavam desaparecendo, os igarapés estavam secando, então comecei a associar com tudo que já havia acontecido.

Recordo-me que as estradas de chão que dava acesso às outras comunidades eram rodeadas de matas onde fazia sombra e tinha um clima frio e muito agradável, bom de caminhar. Várias vezes nas idas e vindas à casa dos vizinhos nos deparávamos com animais que saíam de dentro das matas para passear nas estradas, tais como: paca, cutia, tatu, veado, cobra e outros.

Na época tínhamos uma vida tranquila, sem muito barulho, dava para ouvir o canto dos pássaros, das águas no rio e o barulho das folhas das árvores. No entanto, hoje o que vemos são imensidões de terras devastadas por fazendeiros que só pensam em seu “bem estar” e não se preocupam com natureza.

Lembro que meus pais de quinze em quinze dias, tinham que fazer farinha para vender e fazer compras para casa. Gostava de levantar às seis horas da manhã

para pegar a égua no mato, colocar-lhe a cangalha¹ e o caçuá² para ir até a roça buscar a mandioca e fazer a farinha. Passávamos a semana toda acordando de madrugada, íamos ao retiro peneirar a massa que meu pai torrava para fazer a farinha.

Desde muito cedo, antes mesmo de ter uma visão de mundo mais ampla, já não concordava com a caça e a pesca excessiva, pois percebia que com isso os animais da natureza iriam desaparecer.

Cresci com essa inquietação, estudei na escola da comunidade onde moro e trabalho e ainda hoje vejo a comunidade jogando lixo nas ruas e igarapés; vejo-os desmatando as margens dos igarapés, os quais estão secando por conta dessas atitudes errôneas. Não sei se as pessoas fazem isso por comodismo ou por não entenderem que estão prejudicando o meio ambiente.

Fica evidente a importância de sensibilizar os humanos para que ajam de modo responsável e com consciência, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro; para que saibam exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade tanto local como internacional; e se modifiquem tanto interiormente, como pessoas, quanto nas suas relações com o ambiente, EFFTING (2007, p. 2).

Nasci e cresci em um ambiente muito bom e saudável onde respirávamos ar puro com cheiro de natureza.

Percebo que, na época de meu pai, os agricultores não se preocupavam em dizer o motivo das queimadas, e sim que estas eram o único jeito de suprir suas necessidades junto com a família, pois não tinham outras técnicas para utilizar o solo de forma que não causassem danos ao mesmo.

Antes se faziam os desmatamentos e as queimadas para fazer a limpeza do terreno, hoje os agricultores recorrem para o arado do solo e para adubos que não são poluentes, como o esterco de animais.

Comecei a estudar com sete anos de idade e o que via eram crianças tendo algumas atitudes errôneas, como jogar lixo em qualquer lugar da escola. Acredito que faziam isso por não terem orientação dos professores, também não sei se os

¹ Artefato de madeira ou de ferro, às vezes acolchoado, que se apõe ao lombo das cavalgaduras para pendurar carga de ambos os lados.

² Cesto de cipó e/ou fasquias de bambu, para colocar na cangalha ao lombo das cavalgaduras, para transportar alimentos.

mesmos se preocupavam ou não com este tipo de orientação para com seus alunos. Cresci vendo as pessoas da comunidade usando os igarapés para lavar roupas, louças, tomar banho e tomar água sem saberem que o sabão utilizado por elas era prejudicial à água e aos peixes. Hoje entendo que elas não tinham a intenção de poluir os igarapés, apenas não tinham conhecimento do mau que estavam causando.

Quando comecei a trabalhar na mesma escola onde estudei percebi que não haviam projetos voltados para a preservação do meio ambiente, como atualmente eles ainda não existem.

Na época eu já tinha a preocupação em passar para os meus alunos a importância de se preservar o meio natural. E também fazer com que os moradores da comunidade entendessem que não estavam fazendo certo em desmatar.

Iniciei como professora com quatorze anos de idade, e desde então venho tentando trabalhar a referida temática. Porém nunca tive apoio, nem de outros colegas professores e nem da própria secretaria de educação, onde por vezes me senti só e desestimulada. Sendo que, é relevante sermos parceiros em um ambiente escolar, principalmente quando estamos preocupados com bem-estar ambiental e populacional, visto que isto nos afeta diretamente.

Sempre procurei mostrar aos educandos pequenas atitudes que devemos fazer no nosso dia-a-dia, como por exemplo: não jogar lixo na rua e igarapés, economizar água, não desmatar, não provocar queimadas, entre outras ações que irão colaborar para a preservação da natureza e dar ao ser humano uma qualidade de vida melhor. “Assim sendo a escola é o espaço social e o local onde o aluno será sensibilizado para as ações ambientais e fora do âmbito escolar ele será capaz de dar sequência ao seu processo de socialização”, Garcia (2011, p.16).

A discussão sobre o ensino do meio ambiente no espaço escolar do campo é de grande importância, pois vem atentar para os problemas ambientais que ocorrem na comunidade escolar, dessa forma é necessário que exista uma maior discussão sobre o assunto. É preciso ampliar o ensino do meio ambiente, fazendo com que os alunos e familiares se sensibilizem e conheçam a melhor maneira de colocar os aprendizados em prática, assim adequando-os ao ambiente escolar e para a melhora do convívio em comunidade.

Neste sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema: “Educação Ambiental” e como subtema; “A importância da Educação Ambiental no processo de ensino aprendizagem nas séries iniciais de uma escola pública no município de Inhangapi-PA”. Desse modo, vem destacar a necessidade de relatar o assunto, e ter as possibilidades de inserir a temática no processo educativo na referida escola, e também de compreendê-la para uma melhor exploração no âmbito escolar.

O interesse em pesquisar a temática, surgiu com base nas inquietações e observações feitas por mim durante muitos anos de trabalho na escola supracitada na zona rural de Inhangapi-PA. Neste sentido, sentiu-se a necessidade de trabalhar a importância da preservação do meio ambiente com os alunos na referida escola, pois a cada dia o problema tem crescido de forma desordenada e está visível para toda a sociedade que, por sua vez, não se preocupa com o mesmo.

A escola é um espaço de construção do conhecimento e aliar isto a preservação do meio ambiente trará benefícios para a sociedade como um todo. Com isso, esta pesquisa depois de desenvolvida, trará contribuições tanto para a escola quanto para a comunidade local, de maneira acessível e que os alunos sintam interesse de preservar o meio ambiente ao qual estão inseridos.

O presente trabalho apresenta como problema: Qual a importância da Educação Ambiental no Processo de Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais de uma escola pública no município de Inhangapi-PA?

É importante que a escola, como um veículo de transmissão de conhecimentos, trabalhe com os alunos a importância da preservação do meio ambiente. Essa pesquisa tem como **objetivo geral**: Sensibilizar a escola sobre a importância da Educação Ambiental no Processo de Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais de uma escola pública no município de Inhangapi-PA.

De forma **específica pretende-se**:

- Despertar o interesse de se trabalhar a preservação do meio ambiente de uma escola pública no município de Inhangapi-PA.
- Buscar o apoio de docentes e gestão escolar para trabalhar a parte prática dos conceitos ensinados em sala de aula;

- Verificar como a comunidade escolar pode contribuir para a educação ambiental de seus filhos.
- Identificar quais ações podem ser executadas junto com os discentes para a preservação do meio ambiente.

Com isso percebe-se como o processo de preservação do meio ambiente na sociedade é de grande relevância no âmbito escolar. O problema ambiental vem a cada dia sendo considerado como urgente para a sociedade, pois o futuro da humanidade depende dos recursos naturais que o homem, por sua vez, usa de forma errada. A educação ambiental na escola é de suma importância para que os alunos sintam interesse desde criança a cuidar do meio ambiente de maneira correta e possam também incentivar os seus familiares e demais pessoas.

Neste contexto, este trabalho distribui-se ao longo de quatro capítulos, da seguinte forma.

Capítulo 1: **“Introdução”** faz-se um apanhado geral sobre as questões ambientais e como elas influenciam a vida em sociedade, passando por uma breve biografia feita de vivências: as trajetórias percorridas justificando o problema encontrado.

capítulo 2: **“Breve percurso histórico da educação ambiental no Brasil”**, aqui se faz o levantamento teórico, enfatizando o início da educação ambiental no Brasil, bem como a legislação aplicada ao tema.

Capítulo 3: **“Percurso metodológico da pesquisa”**, neste encontra-se o lócus da pesquisa, os aspectos estruturais, financeiros e pedagógicos da escola, bem como os sujeitos envolvidos. Esmiuçando os passos, os métodos e recursos utilizados.

Capítulo 4: **“Rodas de Conversa: Análise e discussão”**, onde foram expostos e analisados os dados obtidos na pesquisa, assim como sua discussão com demais autores.

Nas considerações finais faz-se uma reflexão a cerca dos resultados obtidos e da trajetória necessária a ser trilhada para se chegar a resultados satisfatórios vinculados à preservação ambiental.

2. BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

2.1. SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

O surgimento da Educação Ambiental ocorreu no Brasil antes de ser institucionalizada pelo governo federal, onde teve o envolvimento de vários autores, impulsionados por inquietações sociais.

“Temos a existência de um persistente movimento conservacionista até o início dos anos 70, quando ocorre a emergência de um ambientalismo que se une, as lutas pelas liberdades democráticas, manifestada através da ação isolada de professores, estudantes e escolas, por meio de pequenas ações de organizações da sociedade civil, e prefeituras municipais e governos estaduais, com atividades educacionais voltadas a ações para recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente. Neste período também surgem os primeiros cursos de especialização em Educação Ambiental.” Henriques *et al* (2007, p. 13):

Isto demonstra que a Educação Ambiental no Brasil avançou a partir das lutas de movimentos sociais, com várias representações da sociedade civil. A necessidade de se intensificar os estudos a cerca da educação ambiental era tamanha que, ainda na década de 70, começaram a surgir os primeiros cursos de especialização voltados para a formação do cidadão nesta área. Tais manifestações foram feitas em resposta aos vários danos ambientais percebidos até então e com elas começou-se a legislar a cerca da temática, assim:

O processo de institucionalização da Educação Ambiental no governo federal brasileiro teve início em 1973 com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), vinculada à Presidência da República. Outro passo na institucionalização da Educação Ambiental foi dado em 1981, com a Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA) que estabeleceu, no âmbito legislativo, a necessidade de inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, incluindo a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente. Reforçando essa tendência a Constituição Federal, em 1988, estabeleceu, no inciso VI do artigo 225, a necessidade de “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”, Henriques *et al* (2007, p. 13).

Com isso a Secretaria Especial do Meio Ambiente vinculada a Presidência da República tiveram uma grande contribuição para que ocorresse a institucionalização 1981, desta forma surge a necessidade de inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, assim fortalecendo o vínculo de conscientização para a preservação do mesmo. Contudo, apesar da legislação em vigor, quando se observa na prática a educação ambiental, percebe-se que pouco ou nada é feito. Pois trago a inquietação por não ver até os dias atuais nenhum professor, da escola alvo desta pesquisa, inserir em suas práticas pedagógicas a temática.

Retomando a questão legal a cerca da educação ambiental foi no ano de 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento (Unced ou Earth Sumit), realizada no Rio de Janeiro e conhecida como Rio-92, que o documento chamado “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global” foi criado. Nele ficou estabelecido que “a educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo e lugar em seu modo formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade”. Além de reconhecer que a “Educação Ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais o ser humano convive neste planeta, respeitando seus ciclos vitais e impondo limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos”, Henriques *et al* (2007).

Justamente por explorar a natureza indiscriminadamente o homem começou a sentir os resultados disto em nível mundial. O ar altamente poluído que deixa a respiração mais difícil e pode nos causar problemas respiratórios é um exemplo destes resultados. Também, o descarte inadequado de plásticos em rios e mares tem provocado a morte da fauna marinha. Ainda, a retirada excessiva de árvores vem ao longo dos anos, provocando o aumento da temperatura média do planeta, tornando este cada vez mais quente o que provoca derretimento das calotas polares, fazendo com que cidades e vilarejos litorâneos sofram com inundações.

Na tentativa de estabelecer algum controle sobre a exploração do meio ambiente e movido por forte pressão popular, que através dos movimentos sociais se faz ouvir, o Brasil dedica em sua constituição um capítulo que trata especificamente do meio ambiente.

No Brasil, a constituição de 1988 introduziu, pela primeira vez na história do país, um capítulo específico sobre o meio ambiente, considerando-o como um bem comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo ao poder público e a coletividade o dever de preservá-lo para as gerações presentes e futuras, Medeiros *et al* (2011, p.5).

Henriques *et al* (2007) considera que, em função da Constituição Federal de 1988 e dos compromissos internacionais, adotados durante o Rio 92, foi criado, pela Presidência da República, o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), partilhado pelo então Ministério do Meio Ambiente (MMA), dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal e pelo Ministério da Educação e do Desporto, com as parcerias do Ministério da Cultura e do Ministério da Ciência e Tecnologia. O PRONEA foi executado por entidades públicas e privadas do país, pela Coordenação de Educação Ambiental do MEC e pelos setores correspondentes do MMA/Ibama. Com isso o PRONEA passa a agir em busca de qualidade em uma sociedade sem tantos prejuízos ambientais.

Em 1997, o Conselho Nacional de Educação aprova os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que se constituem em um subsídio para apoiar a escola na elaboração de seu projeto educativo, inserindo procedimentos, atitudes e valores no convívio escolar, bem como a necessidade de tratar de alguns temas sociais urgentes, de abrangência nacional, denominados como temas transversais: meio ambiente, ética, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, com possibilidade de as escolas e /ou comunidades elegerem outros de importância relevante para sua realidade. Com este documento as escolas passaram a ter um recurso didático complementar, no que se refere a construção de projetos educativos envolvendo a temática, fato que há anos vem provocando mudanças nos métodos de ensino, Henriques *et al* (2007).

Todavia, segundo Medeiros *et al* (2011), foi somente em 1999, que a educação ambiental foi reconhecida e oficializada como área essencial e permanente no processo educacional. Isso se deu por meio da lei 9795/99, que embasada pelo artigo 225, inciso VI da Constituição Federal de 1988, estabelece que a educação ambiental deva ser trabalhada dentro e fora da escola, não como disciplina, para não perder seu caráter interdisciplinar.

Percebe-se então um grande avanço no trato com o tema, isso pelo menos na legislação, pois na prática as coisas caminham a passos lentos, pois a urgência em se desenvolver de forma sustentável enquanto humanidade esbarra no setor econômico, pois afeta a indústria e os grandes produtores, mas esta é uma discussão que pode ser aprofundada em outro trabalho. Por hora, voltemos a educação, que de acordo com Henriques *et al* (2007), em 2004 ganhou mais um apoio em relação ao tema aqui trabalhado, trata-se da criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), que absorveu a CGEA e assim enraizou a Educação Ambiental (EA) no MEC. Com isso, às redes estaduais e municipais de ensino, passaram a atuar de forma integrada à áreas de Diversidades, Educação Escolar Indígena e Educação no Campo, conferindo assim maior visibilidade a Educação Ambiental e destacando a sua vocação de transversalidade, além de envolvê-la como base da diversidade cultural do povo que compõe a comunidade escolar.

2.2. MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TERMOS GLOBAIS

Na trajetória da EA, no que se refere ao processo legal é importante ressaltar alguns momentos essenciais deste processo.

“Embora os primeiros registros da utilização do termo “Educação Ambiental” datem de 1948, num encontro da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) em Paris, os rumos da Educação Ambiental começam a ser realmente definidos a partir da Conferência de Estocolmo, em 1972, onde se atribui a inserção da temática da Educação Ambiental na agenda internacional. Em 1975, lança-se em Belgrado (na então Iugoslávia) o Programa Internacional de Educação Ambiental, no qual são definidos os princípios e orientações para o futuro”, Henriques *et al* (2007, p. 12).

Com base no pressuposto, apesar do termo EA ter sido datado a partir de 1948, a mesma não era vista como relevante e seu avanço começa a ser definido em 1972, a partir da Conferência de Estocolmo, quando passou a fazer parte da agenda internacional. Após cinco anos deste evento, em 1977, acontece na Geórgia (ex-União Soviética), a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, que foi organizada pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação,

a Ciência e a Cultura) e pelo Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), de onde saíram as definições, objetivos, princípios e estratégias para a EA, que são adotadas até então por diversos países, incluindo o Brasil, ao redor do mundo.

Exemplo disso, para Pedrini (1998) *apud* Souza (2011), foi o Congresso Internacional sobre Educação e Formação Relativa ao Meio Ambiente, em Moscou, no ano de 1987 e promovido pela UNESCO. O qual enfatizou a necessidade prioritária de formar recursos humanos, capazes de atuar nas áreas formais e não formais da EA e de incluir esta dialética nos currículos de todos os níveis de ensino.

Segundo Henriques *et al* (2007), outro documento internacional de extremo valor é o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, organizado pela sociedade civil planetária em 1992 no Fórum Global, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92). Esse documento estabelece princípios importantes da educação para sociedades sustentáveis, pois ressalta que é preciso formar pensamento crítico, coletivo e solidário, de interdisciplinaridade, de multiplicidade e diversidade. Estabelece ainda uma relação entre as políticas públicas de EA e a sustentabilidade, destacando princípios e um plano de ação para educadores ambientais. Enfatiza-se ainda, processos participativos voltados para a recuperação, conservação e avanço do meio ambiente e da qualidade de vida.

Nota-se que muitos esforços têm sido empenhados quando se trata de EA, além dos já mencionados até aqui, há um documento internacional chamado Tratado de Educação Ambiental, que objetiva apresentar à sociedade maneiras de preservar o Meio Ambiente, com ela se comportando de forma sustentável e formando cidadãos pensantes e conscientes. Assim como, a implementação da Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), uma iniciativa das Nações Unidas, que se configurou como uma conquista para a Educação Ambiental, e gerou reconhecimento de seu papel no enfrentamento da problemática socioambiental, na medida em que reforça mundialmente a sustentabilidade a partir da Educação. A Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável potencializa as políticas, os programas e as ações educacionais já existentes, além de multiplicar as oportunidades inovadoras.

2.3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS SÉRIES INICIAIS E ALGUNS DESAFIOS

Antes que se teorize a educação ambiental nas séries iniciais é preciso que entendamos um pouco sobre a educação em si e sua importância nos primeiros anos de vida. Existem várias teorias a esse respeito, uma delas é defendida por Piaget, com base na pedagogia e na psicologia, em sua obra “A Formação da Inteligência na Criança”, na qual ele expõe que a inteligência resulta tanto de fatores biológicos, como de experiências, reflexos e contatos com outros indivíduos, objetos e com o meio ambiente, desta forma:

Há uma proposição sobre a qual todos os psicólogos e todos os educadores estão seguramente de acordo: nenhuma realidade moral é completamente inata. O que é dado pela constituição psicobiológica do indivíduo como tal são as disposições, as tendências afetivas e ativas: a simpatia e o medo - componentes do “respeito” -, as raízes instintivas da sociabilidade da subordinação, da imitação etc., e, sobretudo, certa capacidade indefinida de afeição, que permitirá a criança amar um ideal, assim como amar a seus pais e atender à sociedade, ao bem de seus semelhantes. Piaget (2010, p.45)

Ora, são situações do dia-a-dia que contribuem para o tipo de cidadão que a criança irá se transformar. Questões morais que lhes são ensinadas em casa e reforçadas pela conduta de seus primeiros educadores, os pais, são primordiais para a formação do caráter, ao passo que o afeto no trato com os pequeninos pode fazer com eles encarem a vida e seus desafios com amor e determinação. Ainda, tratá-lhes com firmeza, sem ser agressivo, para que aprendam a ouvir e a obedecer é algo que lhes confere noções de respeito e resiliência. Ou seja, “é suficiente que a criança respeite seus pais ou professores para que os conselhos prescritos por esses sejam aceitos por ela, e mesmo sentidos como obrigatórios”, Piaget (2010, p.47).

Percebe-se então, que a formação de um cidadão, crítico e capaz de intervir no meio em que vive, depende basicamente de sua educação. Para isso é preciso dar condições estruturais e emocionais para que a criança tenha real interesse pelo que está aprendendo. De acordo com Kepler (1974), “é preciso antes de tudo, ajudar a criança a desenvolver suas potencialidades, a fim de integrá-la na comunidade da maneira mais completa possível”.

Todo ser humano é parte de uma sociedade e como tal é importante que ele esteja integrado a ela, seja qual for a sua faixa etária. Morita (2005) em texto publicado na *Revista da Criança*, fala sobre a relação desta com a pintura, nele a autora afirma que é preciso encorajá-la, para estabelecer relações de afeto para com seus materiais da pintura. Fator que ocorre quando lhes são proporcionadas vivências compartilhadas com quem ela se relaciona, pois “a atenção do adulto nesse período de intensa descoberta da criança é muito importante. É ele quem acompanha os primeiros passos da criança, seus primeiros gestos, suas primeiras sensações”, ou seja, é assim que ela começa a aprender.

Nesse processo, o desenho atua como uma ferramenta capaz de ajudar a criança a se organizar “melhor no tempo e no espaço”, pois à medida que o tempo em contato com este recurso passa, ela vai começando a utilizar os materiais com mais propriedade, vai aprendendo a definir melhor as formas e começa a regular o “diálogo com o desenho”. Desta forma, conforme “dialoga com os parceiros e/ou absorve interferências ambientais, vai modificando e ressignificando seu desenho”, por isso enfatiza-se que a base da educação, que o aprendizado construído nos primeiros anos de vida, nas séries iniciais é extremamente importante. Pois é neste período que “as crianças estão (...) desenvolvendo funções mentais bastante elaboradas, estão ampliando sua visão de mundo, bem como a percepção do cotidiano, e questões relevantes como” “quem fez o papel?” Morita (2005).

E se usarmos a experiência com a pintura, previamente vivida com e pela criança, como ferramenta estratégica para a educação ambiental? Pode surgir daí perguntas do tipo “por que as árvores existem?” ou “por que o chão está sujo?”. Veja como este gancho pode render um belo aprendizado sobre a EA. Neste contexto, nota-se então que:

Quaisquer que sejam os fins que se proponha alcançar, quaisquer que sejam as técnicas que se decida adotar e quaisquer que sejam os domínios sob os quais se aplique essas técnicas, a questão primordial é a de saber quais são as disponibilidades da criança. Sem uma psicologia precisa das relações das crianças entre si, e delas com os adultos, toda a discussão sobre os procedimentos de educação moral resulta estéril. Piaget (2010, p.45)

Todo e qualquer objetivo que se pretenda alcançar através da educação faz-se necessário que haja comum acordo entre as partes, ou seja, é imprescindível

conquistar a confiança do educando. Pois, será através disso será possível evoluir no processo de ensino aprendizagem para que juntos possamos construir conhecimentos a cerca do tema abordado. Afinal, Medeiros *et al.* (2011) afirma que, a educação ambiental é um processo pelo qual o educando começa a adquirir informações e assim passa a ter uma nova visão do que vem a ser o meio ambiente, se tornando um ser transformador quando se fala de preservação ambiental.

Quando isso ocorre desde as séries iniciais às chances de sucesso em relação à formação do cidadão são bem maiores. Todavia, não se podem esquecer as séries subsequentes.

Na educação escolar, em todos os níveis e modalidades de ensino, o Órgão Gestor – especificamente o MEC – tem o dever de apoiar a comunidade escolar – professores, estudantes, direção, funcionários, pais e amigos – a se tornarem educadores e educadoras ambientais com uma leitura crítica da realidade, uma leitura da palavra-mundo conforme Paulo Freire *apud* Sorrentino eTrajbe (2007):

Porém quando se observa o cenário na qual está inserida a escola alvo desta pesquisa, percebe-se que tal apoio não ocorre, nem em nível de Secretaria Municipal de Educação, nem Secretaria Municipal de Meio Ambiente e menos ainda em nível de escola. Com isso, a prática pedagógica voltada para a questão ambiental, fica perigosamente comprometida.

Outro fator que se configura como vilão neste processo é a violência, pois com o grande desenvolvimento das cidades a violência cresce a cada dia, conseqüentemente as crianças perdem o contato direto com a natureza, pois ficam reclusas dentro de casa, tem espaços reduzidos, para o contato com os elementos do ambiente natural. Assim, na maioria das vezes, fazem da tecnologia a única fonte de lazer. Desta forma, elas deixam de saber o que é a natureza e perdem o interesse em preservá-la, pois entendem que a terra é sujeira e deixam de perceber como tais ações interferem em nossa vida, Medeiros *et al* (2011).

Entretanto, mesmo em meio a tantas adversidades, na qualidade de educadora, sei que é preciso agir e Andrade (2014) confirma isso quando fala que a educação ambiental deve ser permanente, de modo que as pessoas tomem consciência e adquiram conhecimentos e experiências, que lhes serão fundamentais na resolução de problemas ambientais. Assim, pequenas iniciativas podem gerar

bons resultados dentro e fora da escola, que precisa estar preparada para trabalhar a temática, de modo que haja envolvimento de seus trabalhadores em educação e também da comunidade na qual ela esta inserida.

Segundo Veloso (2007), para que haja tal participação é necessário que toda a comunidade escolar, participe coletiva e democraticamente da construção do projeto sobre EA, “desde sua concepção inicial”, fato que consolida a “importância e adquirir a consciência de que o projeto, direta ou indiretamente, afeta os destinos de toda a comunidade escolar”.

Construir coletivamente esse projeto, envolvendo a comunidade e conseqüentemente as crianças é algo que contribui para a formação da inteligência humana, ainda nos seus primeiros anos de vida das séries iniciais. Pois as crianças começam a aprender e dar significado as coisas, a partir de suas experiências, de suas vivências. “Dentro da perspectiva vigotskyana, a convivência entre crianças da mesma faixa etária e adultos contribui para a construção de um sentido de pertencimento a um grupo socialmente constituído”. Revista da Criança (P.44).

Com isso, se a escola consegue assumir “seu papel de instituição formadora e instrumentalizadora para os desafios de seu tempo”, se ela possui “um projeto de existência” e através dele busca “autonomia para construir, conscientemente, os rumos que quer tomar no seu cotidiano”, ela será capaz de formar cidadãos verdadeiramente preocupados com o desenvolvimento social sustentável, Veloso (2007).

A escola que consegue trabalhar a EA de forma permanente e com qualidade é por que pode contar, entre outros fatores, com recursos humanos capacitados, que estimulem a curiosidade e a vontade de aprender, que naturalmente as crianças trazem consigo, assim:

O professor precisa buscar auxílios para que possa desenvolver com as crianças o tema educação ambiental, mostrando-lhe que a busca pelo conhecimento é permanente e de suma importância, que um dos grandes atributos dos seres humanos é a curiosidade. Deve-se planejar um contexto educativo, com atividades desafiadoras e que sejam significativas, que favoreçam na descoberta do conhecimento sobre o mundo físico, social e cultural. Estruturando interações qualitativas entre adulto e criança, Andrade (2014, p.14).

Contudo, precisa-se ressaltar que o planejamento, o cuidado com a educação nas séries iniciais são fatores de suma importância para a construção do conhecimento, aliado a isto temos a “mente da criança”, que para Piaget é algo que “se adianta à conquista das coisas, como se o avanço da experiência supusesse uma atividade inteligente que a organizasse em vez de resultar dela”. Sendo nesta fase, a infância o momento em que devemos ter mais atenção, quanto ao que ensinamos aos pequeninos.

É notório então, que diante de toda a argumentação aqui exposta, as questões pedagógicas devem ser planejadas, visando o ensino da EA desde as séries iniciais, mas também em todos os níveis de ensino, de forma permanente e embasada em questões éticas, políticas e estéticas, de modo que se englobe a responsabilidade da educação infantil, com a educação ambiental. Ainda, a educação deve promover o “desenvolvimento de relações afetivas na construção dos sentimentos de respeito, compreensão e solidariedade fundamentais para uma sociedade mais humana e democrática”, Andrade (2009).

3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos os métodos utilizados para o desenvolvimento do trabalho, os participantes da pesquisa e de que maneira contribuíram com a investigação, além da trajetória percorrida e de que forma ela foi trabalhada. Pois escolher o tema do trabalho, assim como dar sustentação teórica a ele foi algo complicado, porém interessante e até desafiador.

3.1. MÉTODO E ABORDAGEM DA PESQUISA

No intuito de chegar à situação problema, geradora do tema desta pesquisa, iniciou-se uma investigação na escola, a partir da tendência dialética, porque foi instigado através do diálogo com os professores a respeito da importância da Educação Ambiental no Processo de Ensino Aprendizagem nas Séries Iniciais. Quanto ao método de abordagem utilizada foi a qualitativa, pois a mesma, “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.[...]”, Goldenberg (1997, p. 34), *apud* Gerhardt e Silveira (2009, p.31)

Nesse sentido, a pesquisa tem como intuito se para se aprofundar mais na questão investigada, ou seja, não tem a preocupação com dados quantitativos.

Foi exploratória, pois, de acordo com Gil (2007) *apud* Gerhardt e Silveira (2009, p.35), “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

Quanto ao procedimento, foi realizada pesquisa bibliográfica, que “[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites [...]” (Gil, 2007). Além de pesquisa de campo, que:

“[...] caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc)”, Fonseca (2002) *apud* Gerhardt e Silveira (2009, p.37).

O público alvo foram os trabalhadores em educação que atuam na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Patauateua, localizada na zona rural do município de Inhangapi - PA.

3.2. LÓCUS DA PESQUISA

A instituição de ensino escolhida para desenvolver este estudo foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental de Patauateua, localizada agrovila de Patauateua à 17 km na zona rural do município de Inhangapi, Pará.

A escola foi fundada no ano de 1970, denominada de Escola de Ensino Fundamental Santa Rita. No ano de 1971, passou a ser chamada de Escola Estadual de 1º Grau de Patauateua. No ano de 1985 foi construída mais uma sala de aula, e em 1986 foi reformada e ampliada para se adequar ao que tem ditado a Lei de diretrizes e Bases (LDB) n.9.384/96 passando a ser denominada de Escola Estadual de Ensino Fundamental de Patauateua. No ano de 2009, passou a ser chamado de Escola Municipal de Ensino Fundamental de Patauateua na gestão do prefeito José Alves Feitosa como regime de comodato.

A escola está inserida em uma comunidade da zona rural, oferta o ensino do 1º ao 5º ano em regime seriado, e atende alunos da comunidade local, e comunidades vizinhas, tendo a disposição o transporte escolar para fazer o trajeto dos alunos que residem mais distantes.

A comunidade é composta por mercearias, bares, igrejas de várias denominações, posto de saúde com atendimentos diários, campo de futebol, ginásio poliesportivo, igarapés e uma Escola de Educação Infantil, que atende as crianças na faixa etária de 04 e 05 anos, e um posto policial desativado há vários anos. A comunidade varia de classe média baixa e classe baixa, com estrutura familiar variada. A renda familiar da comunidade se dá por meio da prefeitura do município, aposentados, comércios e pelo cultivo da mandioca.

3.2.1. ASPECTOS PEDAGÓGICOS DA ESCOLA

Na escola de Patauateua o planejamento escolar ocorre no início do ano por meio da semana pedagógica. Em que os encontros são agendados conforme o calendário do Programa Alfabetização na Idade certa (PNAIC). Neste encontro, os professores se reúnem para planejarem seus trabalhos, planos de aula, por meio de projetos, sequências didáticas e apresentam os trabalhos que já foram executados anteriormente. Em seguida os professores avaliam o que deu certo, e onde precisam avançar.

Ressalte-se que a escola desenvolve o projeto "Sacola do Viajante" que tem como objetivo principal de despertar o interesse e o prazer pela leitura atende os alunos da comunidade local e vizinhas, trazendo a leitura como chave para aproximar às crianças dos livros e o resgate das famílias a escola.

O projeto é desenvolvido da seguinte forma; O aluno que será sorteado levará a sacola para casa na sexta-feira, permanecendo com esta no final de semana, a socialização da leitura será feita na segunda-feira. Na sacola poderão constar, livros de histórias, fábulas, poemas ou contos. Papel a4, giz de cera, lápis, apontador, borracha. O aluno fará um breve comentário sobre a história lida, os desenhos, destacando os acontecimentos que mais lhe chamaram a atenção, falando também, sobre o que os pais acharam da leitura. Ao final deverá ser entregue a ficha devidamente preenchida, e principalmente, se participaram do momento de leitura junto com eles.

Cabe destacar, entretanto que a referida escola ainda não possui o projeto político pedagógico (PPP), documento legal, de caráter obrigatório para o planejamento e acompanhamento das atividades de uma instituição de ensino e o atendimento educacional especializado (AEE), enquanto conjunto de atividades e recursos de acessibilidade pedagógica que é organizado institucionalmente para atender exclusivamente alunos com deficiências, ainda não possui um espaço adequado para o atendimento especializado.

3.3. OS SUJEITOS DA PESQUISA

O quadro funcional da instituição escolar é composto por uma Diretora, uma coordenadora, ambas formadas em pedagogia, uma secretária com nível médio, quatro professores licenciados em pedagogia e concursados, duas cuidadoras, uma em formação acadêmica e a outra com nível médio incompleto, ambas contratadas, além um vigia que possui nível fundamental incompleto. A equipe de apoio da escola é composta por três serventes sendo, duas com ensino médio e uma cursando o nível superior, todas são contratadas. A referida instituição atende no total 87 alunos.

O corpo discente da escola está distribuído em (05) cinco turmas, sendo (03) três no horário da tarde. As turmas atendidas no turno da manhã são: 1º ano com (12) doze alunos, 2º ano (21) vinte e um alunos e o 3º ano com (21) vinte e um alunos. No turno da tarde são atendidas 02 turmas, que são 4º ano com (16) dezesseis alunos e o 5º ano com (17) alunos.

4. RODAS DE CONVERSA: ANÁLISE E DISCUSSÃO

As reuniões com a comunidade aconteceram bimestralmente, por meio de roda de conversa. O objetivo era saber o que as pessoas entendem por meio ambiente na visão municipal e local, quais as maiores ameaças que trariam impacto na qualidade ambiental do estado e do município e se tinham conhecimento de que a região, em que residem, possui alguma área de reserva ambiental.

Para auxiliar a análise de dados o público-alvo foi identificado com nomes fictícios de E1 a E13 e tiradas algumas fotografias do local:

Ao falar das questões relativas ao meio ambiente no estado e município onde residem, solicitei que as pessoas atribuíssem uma nota com relação ao conhecimento que possuem. Assim, em uma escala de 0 a 5, houve relatos do tipo:

“Daria 3, pelo fato de ter poucas políticas públicas voltadas para a conservação do meio ambiente do estado ao qual fazemos parte, na questão dos grandes lixões que ficam em céu aberto, poluição das grandes indústrias, até mesmo pelo grande número de tráfego de carro nas ruas, que eliminam grande quantidade de fumaça, poluindo o meio ambiente e causando doenças”. E1

“A nota que dou é 4, pelo fato de que o nosso ambiente ao qual nós vivemos não é mais o mesmo de 30 anos atrás, que se vivia rodeado de verde, sem poluição e igarapés não poluídos. Hoje em dia vivemos rodeados de fazendas, com essa grande transformação se convive com os inúmeros problemas: como a poluição do meio ambiente, queimadas e doenças provocadas pela poluição do ar em que respiramos.” E3

Percebe-se que as pessoas têm noção de que as coisas não caminham bem, mas também se veem sem meios de intervir na realidade. O que só reforça Cruz, quando fala sobre “As aventuras de Pinóquio”, ela fala que “a partir das suas histórias de vidas e da ressignificação de vivências “destrutivas”, é possível construir novos conceitos sobre aprendizagem e desenvolvimento moral” (Cruz, p.54, As aventuras de Pinóquio).

Medeiros *et al* (2011) completa que, as questões ambientais, hoje, precisam ser trabalhadas na sociedade e em especial nas escolas, pois as crianças bem formadas, vão crescer mais preocupadas com o meio ambiente em que vivem,

passando a transmitir o conhecimento construído na escola sobre os problemas ambientais, em sua casa, família e comunidade onde vivem, neste caso, na Agrovila de Patauatea (Figura 1), *locus* desta pesquisa.

Figura 1: Agrovila de Patauateua: Unidade de saúde, Igreja e Escola Ensino de Fundamental.



Fonte: “Elaborada pela autora”

Já relacionado às maiores ameaças para o meio ambiente tanto do estado, quanto do município e principalmente em sua localidade, citando pontos que impactam na qualidade ambiental, vários foram os relatos, como:

“Lixões a céu aberto, carvoarias que poluem o meio ambiente, grandes queimadas na floresta e poluições dos nossos rios”. E1

“Desmatamentos. Grandes lixões que são jogadores a céu aberto, poluição dos igarapés”. E2

“Poucos investimentos em saneamento básico; os governantes deveriam idealizar propostas que atraíssem mais investimentos nessa área”. E6

“Poucas discussões sobre o assunto. Essa questão deveria ter mais destaque nos meios de comunicação e até mesmo nas escolas, como matéria a ser estudada. Pois, ajudaria as pessoas a conhecerem os males de não cuidar do meio ambiente desde cedo”. E4

Mesmo diante da pouca escolarização de alguns participantes, nota-se que eles têm noção de que o descarte inadequado de lixo pode poluir tanto a água dos

rios e igarapés quanto o solo, e que a falta de investimentos em saneamento básico é um dos fatores prejudiciais para o meio. Conforme mostram as figuras 2 e 3.

Figura 2: Lixo as margens de um igarapé na Agrovila de Patauateua



Fonte: "Elaborada pela autora"

Figura 3: Descarte de lixo a céu aberto na Agrovila de Patauateua.



Fonte: "Elaborada pela autora"

O Decreto nº 002/2018, Art.3º, que trata da preservação ambiental do município de Inhangapi-PA, considera como área de preservação permanente em zonas rurais ou urbanas, as faixas marginais de qualquer curso d'água natural perene e intermitente, excluindo os efêmeros desde a borda da calha do leito regular e também as áreas no entorno dos lagos e lagoas naturais. Sendo que para ambos há uma metragem especificada em lei. Contudo, após os relatos obtidos na roda de conversa, percebe-se que a população não tem conhecimento pleno sobre o que prevê a lei em relação às áreas de preservação ambiental, perceptível nos relatos e nas figuras 4 e 5:

“Não. Durante todos esses anos ainda não ouvir falar de área de preservação ambiental no município”. E7

“Não sei. Só conheço o Espaço cultural, mas não sei se encaixa nesse quesito”. E9

Figura 4: Desmatamento na faixa marginal do igarapé I.



Fonte: “Elaborada pela autora”

Figura 4: Desmatamento na faixa marginal do igarapé II.



Fonte: “Elaborada pela autora”

Nesse cenário os professores também têm seus anseios, pois relatam dificuldade em desenvolver a educação ambiental dentro do contexto escolar, dizem que precisam de formações mais específicas sobre a temática, pois em primeiro lugar, afirmam que ainda predomina muito a ideia de dividir conteúdos; em segundo, que a educação ambiental ainda está pouco enraizada no espaço escolar; e em terceiro que eles não estão seguros em trabalhar projetos nessa área. Assim, a EA é transmitida de maneira fragmentada, por meio raras ações, sem se converter em práticas pedagógicas, uma realidade que precisa ser alterada.

5. CONCLUSÃO

Diante da minha trajetória já vivida, aqui citada inicialmente, tenho a liberdade de conceituar meio ambiente como lugar onde me criei e vivo até hoje, o qual pretendo preservar e ensinar para as próximas gerações. Os conhecimentos adquiridos durante a minha vida acadêmica e também as leituras sobre o tema em questão, me fizeram entender que meio ambiente e natureza, por mais que sejam termos usados no dia a dia por muitos, que acreditam se tratar do mesmo assunto, são termos semelhantes, mas que possuem significados diferentes.

Todo estudo feito por mim, permitiu um novo conhecimento do que vem a ser o meio ambiente e do que o mesmo tem para oferecer a sociedade e a todos que nele habitam. Ampliando assim, meus conhecimentos e a maneira em que posso contribuir com a população, incentivando sempre a preservação ambiental através da educação.

A cada ano que passa a questão ambiental vem ganhando mais importância na área da educação, ou seja, o ensino do meio ambiente já faz parte do currículo escolar, seja como tema transversal, na disciplina de ciências ou pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, é um termo em que cabe a todos os professores a função de despertar nos educandos o interesse em preservar o meio ambiente e incentivá-los a levar esse conhecimento para os familiares e amigos.

Desta forma, se aproveitarmos a melhor fase do aprendizado, até aqui defendido como sendo a infância, aliado a um planejamento voltado para a EA, que trabalhe o tema a partir de vivências e do cotidiano, estaremos contribuindo para que a memória afetiva da criança atribua significado a questão ambiental e a tome como sendo sua, para que e assim passe a defendê-la.

Contudo, é perceptível que ainda se tem muito a trabalhar, afinal também é necessário incentivos de governo. Através de políticas públicas, projetos ambientais e educacionais que envolvam desde as séries iniciais, até o mais elevado nível de ensino, abrangendo a família, a saúde e toda a comunidade que ali se faz presente. Preservar o meio ambiente nos trás melhora da qualidade de vida humana e animal, sendo dever de todos, incluindo do estado.

Estado este, que deve não só criar leis, como dar suporte a execução destas, algo que passe por criar mecanismos de controle e fiscalização ambientais, realmente eficazes, por políticas públicas de fortalecimento às unidades de ensino, por proporcionar formação continuada a professores e gestores em exercício, além de dar mais atenção à educação ambiental infantil.

Todavia, mesmo em meio às adversidades já mencionadas é extremamente importante agir no sentido de ultrapassar as barreiras do sistema tradicional de ensino aprendizagem. Agir para modificar a maneira não só do que se ensina, mas sim de como se ensina, para tornar nossas crianças, adultos justos, éticos, resolutivos, ou seja, cidadãos capazes de transformar o mundo de forma humanizada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. 175 f. Tese (Doutorado) - Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP. Franca, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle>. Acesso em 01 DEZ 2018.

ANDRADE, Josefa D'ângela do Nascimento Lima. **Educação Ambiental nas Séries Iniciais (2º ao 5º) na Escola Estadual de Ensino Fundamenl e Médio João Ribeiro**. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Geografia- Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/>. Acesso em 24 NOV 2018.

EFFTING, Tânia Regina. **Educação Ambiental Nas Escolas Públicas: Realidade E Desafios**. 90 f. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondo n, 2007. Disponível em: <http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/autoresind/EducacaoAmbientaNasEscolasPublicasRealidadeEDesafios.pdf&ved=2ahUKEwi19lip19bfAhXKhJAKHUoLC7UQFjAAegQIBhAB&usg=AOvVaw1qMvs3gmw-4Bd0qJkzSVT5>. Acesso em 24 NOV 2018.

GARCIA JUNIOR, Rubens Serpe. **Educação Ambiental ao Alcance de Todos**. 41 f. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação à Distância (EaD) – UTFPR - Medianeira, 2011. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2468/1/MD_ENSCIE_2011_1_30.pdf&ved=2ahUKEwi1xcjcx9bfAhWEhJAKHcY3ChoQFjAAegQIBhAB&usg=AOvVaw2C1YjTuTIZRGJowyNRxSw4&cshid=1546688784202. Acesso em 24 NOV 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HENRIQUES, Ricardo. *et al.* **Educação Ambiental: Aprendizizes de sustentabilidade. Secretaria de Educação de continuada, alfabetização e Diversidade**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC). Caderno 1. MEC, Brasília, DF, 2007.

KEPLER, Selene Ribeiro. **A Criança de 6 E 7 anos na 1ª série**. Ministério da Educação. INEP. CBPE. Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>. Acesso em 01 DEZ 2018.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de; *et al.* **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais**. Revista Faculdade Montes Belos, v. 4, n. 1, set. 2011.

Ministério da Educação. **Diálogo com as Cartas Recebidas/ Revista criança: do professor de educação infantil**. Ed. 38. Ministério da Educação, 2005. Disponível

em:http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17108. Acesso em 01 DEZ 2018.

MORITA, Nancy de Fátima Silva. **Revista criança: do professor de educação infantil**. Ed. 38. Ministério da Educação, 2005. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=17108. Acesso em 01 DEZ 2018.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget / Alberto Munari**; tradução e organização: Daniele Saheb. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana – Recife, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>. Acesso em 01 DEZ 2018.

INHANGAPI-PA, Prefeitura. Decreto nº 002/2018, de 30 de março de 2018. Disponível em <http://inhangapi.pa.gov.br/decreto-no-0022018-de-30-de-marco-de-2018/>. Acesso em 01 DEZ 2018.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBE, Rachel. **Políticas de Educação Ambiental do Órgão Gestor/ Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação/ Ministério do Meio Ambiente-UNESCO-Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>. Acesso em 01 DEZ 2018.

SOUSA, Jacqueline Pereira de. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança**. 20 f. Artigo (Pós-Graduação “Latu Sensu” em Psicopedagogia Clínica e Institucional - UVA). Fortaleza – 2012. Disponível em: https://apeoc.org.br/extra/artigos_cientificos/a_importancia_da_familia_no_processo_de_desenvolvimento_da_aprendizagem_da_crianca.pdf&ved=2ahukewi8u5p029bfa_hwlkzakhb2rdfqqfjaaegqibxab&usq=aovvaw3v0xplntozzaaitu9bcyrl. Acesso em 24 NOV 2018.

SOUZA, Maria das Graças Gomes de. **Histórico da Educação Ambiental no Brasil**. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Biologia) - Consorcio Setentrional de Educação a Distância- UNB/UEG. Brasília, 2011. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1929/1/2011_MariadasGracasGomesdeSouza.pdf. Acesso em 13 OUT 2018.

VELOSO, Najla. **Entre camelos e galinhas, uma discussão acerca da vida na escola / Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação/ Ministério do Meio Ambiente-UNESCO-Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>. Acesso em 01 DEZ 2018.